

## ASCLEPIUS E O “CULTO DA SERPENTE”

*J. Martins e Silva\**

Professor Catedrático, Instituto de Biopatologia Química, Faculdade de Medicina de Lisboa

O culto de Asclepius nasceu na Antiga Grécia, cerca de 1200 a.C.

Homero refere-se a Asclepius na *Ilíada*, como filho (mortal) de Apolo, (deus do Sol e da Verdade) e da bela mortal Coronis. Asclepius teria o poder de curar e, também, de ressuscitar os mortos. Hades (rei dos Infernos), ao ver que o seu império estava em risco de se despovoar, teria convencido Júpiter a ver-se livre de Asclepius, fulminando-o, o que viria a suceder. Outra versão atribui directamente a Zeus a morte de Asclepius, por não querer que os mortais tivessem qualquer poder sobre a morte.

Aquela tradição heroico-mitológica personificada em Asclepius, aparentemente originária da Tessália, representava o ideal do médico grego. Esteve na origem de um culto organizado em múltiplos templos, sucessivamente construídos e dissemi-

nados pelo mundo Helenístico, ao longo do Mediterrâneo.

Os templos eram instalados em complexos (os *Asclepions*), que constituíam um meio termo entre os sanatórios e os hospitais, aonde se dirigiam os doentes (em particular os mais pobres e mais desfavorecidos) suplicando pela cura dos seus males. Os complexos mais importantes teriam sido o de Epidaurus (o principal, construído cerca de 600 a.C.), o de Cós e o de Pergamon. Os tratamentos estavam entregues a sacerdotes, que os exerciam, principalmente nos primeiros tempos, num mito de misticismo e magia, estando os doentes adormecidos. Posteriormente, os tratamentos evoluíram para processos mais comuns aos da fisioterapia, em que além de banhos e massagens estavam incluídos sangrias e alimentos naturais, como o leite e o mel. No

terreiro dos templos abundavam serpentes amareladas, não venenosas, consideradas *escravas sagradas de Asclepius*, e que, de modo desconhecido, “colaboravam” no tratamento apressando a cura dos pacientes ao “remover-lhes as partes doentes dos seus corpos”, enquanto aqueles estavam mergulhados no sono.

Este relacionamento assemelha-se ao culto prestado no Antigo Egito a Imhotep (cerca de 3500 a.C.), médico e inventor das pirâmides. Imhotep, tal como Asclepius, era mortal mas, pelo prestígio adquirido, veio a ser uma divindade da Medicina, em cuja honra e culto também foram construídos templos, abertos ao tratamento dos doentes mais desesperados, também praticado enquanto os pacientes dormiam.

Os primeiros médicos gregos consideravam-se descendentes de Asclepius e membros de uma família comum, os “Asclepiádes”. Também Hipócrates (460-357 a.C.) se orgulhava de ser um Asclepiáde, por via directa de um filho (também médico) de Asclepius.

O culto a Asclepius foi continuado por Roma (com a adaptação do nome para Esculápio), após a conquista dos territórios gregos. Centenas de templos deram continuidade aquele culto em todo o império romano e até depois da sua influência ter cessado, prolongando-se em alguns centros até cerca de 500 d.C. Por consequência, não surpreende que Asclepius tenha sido considerado, durante muitos séculos, como origem e guardião do poder e do conhecimento médicos. Galeno (c 124-216 d.C.) praticou no Asclepion de Pergamon, até atingir a fama como médico.

É ainda em referência a Asclepius,

a Apolo e às suas filhas Hygieia (divindade que intervinha na prestação da saúde e na prevenção das doenças, de quem deriva o termo “higiene”) e Panaceia (relacionada com o tratamento das doenças), que o famoso juramento atribuído a Hipócrates definia os deveres de cada médico. Nas devidas proporções e adaptações, aquele juramento continua a delimitar os procedimentos da ética médica.

A representação tradicional de Asclepius associa-o a um bordão em que está enrolada uma serpente (Fig. 1). É comum associar este conjunto à sabedoria médica. Entre as explicações apresentadas sobre o assunto tornou-se popular a história de um homem que Zeus teria morto com a pancada de um trovão na cabeça, e os ensinamentos que Asclepius terá então recebido de uma serpente. A história teria começado com a entrada furtiva de uma serpente no local em que Asclepius observava o morto. Surpreendido, Asclepius matou o réptil com o bordão mas ainda mais intrigado ficou quando viu surgir uma segunda serpente que, ao colocar algumas ervas na boca da primeira, morta, a fez renascer. Asclepius ao proceder exactamente da mesma forma com o morto, restituiu-a à vida. Em sinal de respeito Asclepius adoptou como seu símbolo a serpente enrolada num bordão (Fig. 2).

Além da serpente que simbolizava a prudência e a eternidade, o conjunto era completado por um galo, como símbolo da vigilância.

Por influência da Igreja Católica, todos os símbolos antigos da profissão médica foram abolidos, entre o século VI e a Renascença, sendo substituídos pelo clássico frasco de recolha das urinas.

A situação alterou-se progressi-



**Fig. 1** – Uma das representações mais divulgadas de Asclepius.



**Fig. 2** – Símbolo da Medicina (com origem atribuída a Asclepius).

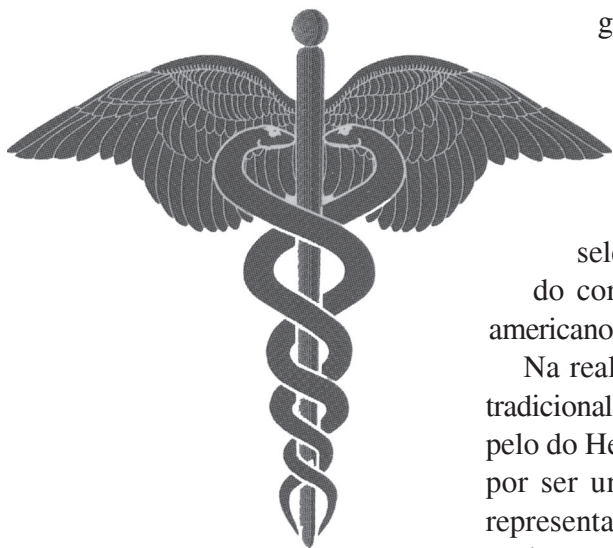
vamente com o advento de protestantismo, a partir do norte da Europa. Os símbolos antigos foram recuperados e Asclepius retomou a sua função de símbolo da Medicina (mas não como divindade).

Nos finais do século XIX alguns editores médicos de Londres, com destaque para John Churchill, que exportavam grande parte das suas obras para os Estados Unidos, aparentemente por iniciativa própria, passaram a utilizar um caduceu como marca associada ao título das obras médicas.

John Churchill, que não terá pretendido substituir o símbolo clássico de

Asclepius pelo caduceu, imaginou um esquema que associaria particularmente a medicina à literatura, cada uma das quais representada por uma serpente, entrelaçadas entre si num bordão de loureiro ou oliveira, que culminava em duas asas oponentes na extremidade superior (Fig. 3). Quase em simultâneo, um número relevante de editores norte-americanos passou a utilizar o caduceu como símbolo da medicina, substituindo-o ao de Asclepius.

Entretanto, o caduceu estivera, no seu tempo, também associado ao deus romano Mercúrio (ou Hermes dos



**Fig. 3** – Insígnia dourada do caduceu adaptado (em 1818) pela US. Army Medical Corps.

gregos), que simbolizava o comércio e a paz. Posteriormente, nos princípios do século XX, aquela representação devidamente estilizada, foi seleccionada como emblema do corpo militar médico norte-americano.

Na realidade, a troca de símbolo tradicional representado por Asclepius pelo do Hermes ou Mercúrio acabou por ser uma má escolha, pelo que representa de negativo. Hermes filho mítico de Maia e Zeus, deuses do Olímpo grego, apesar da sua benevolência para os mortais e de “conseguir” encaminhar as almas para o Além, teria características pouco éticas e hábitos venais.

O caduceu teria sido uma oferta de Apolo a Hermes, por troca com uma flauta em que este tocava uma música que aprazia a Apolo. O caduceu não era mais do que uma vara dourada que Apolo utilizava para reunir o gado mas que teria a extraordinária propriedade de assegurar a abundância, a saúde e afastar a morte. A par dos atributos já referidos, Hermes era também o portador célere das mensagens de Zeus, o anunciador dos deuses e também o apaziguador de conflitos. Na origem do caduceu, havia a história de uma luta entre duas serpentes que Hermes havia terminado, enterrando

bruscamente o seu bastão no chão, entre ambas. Restou às serpentes enrolarem-se no bastão num sinal de amizade recíproca.

No tempo do Império Romano, o papel pacificador de Hermes estava bem estabelecido, ao ponto de utilizarem um objecto parecido com um caduceu quando pretendiam estabelecer conversações de paz, interrompendo as batalhas.

De qualquer modo, o caduceu legado pelo Império Greco-Romano tem pouca semelhanças com a representação que lhe foi dada no século XX e, tudo o indica, não é um símbolo representativo da medicina.

### Referências

- Bailey JE. *Asclepius: ancient hero of medical caring*. Ann Int Med 1996; 124:257-263.
- Bramer JL. *The caduceus again*. N Engl J Med 1958; 258:334-336.
- Hamilton E. *The myth of Aesculapius*. In: “Medicine in Literature and Art”, Ann G Carmichael and Richard M Ratzan (eds), Könenan, Köhn, 1991.
- Kelhi SA. *Cult of Asclepius* (letter). Lancet 1999; 354:1038.
- Porter R. *The Greatest Benefit to Mankind*, Fontana Press, London 1999
- Sebastian A. *A Dictionary of the History of Medicine*. The Parthenon Publishing Group, New York – London, 1999.
- Wilcox RA, Whitham EM. *The symbol of modern medicine: why one snake is more than two*. Ann Int Med 2003; 138:673-677.